

Formação do Sistema Internacional

**DABHO1335-15SB/NABHO1335-15SB
(4-0-4)**

**Professor Dr. Demétrio G. C. de Toledo – BRI
demetrio.toledo@ufabc.edu.br**

UFABC - 2019.II

Aula 18

2ª-feira, 5 de agosto

**Inserção
internacional do
Brasil: os desafios
do sul global**

Para falar com o professor:

- São Bernardo, Bloco Delta, sala D-322, **4as-feira, das 14h00-15h00 e 18h30-1930** (é só chegar)
- Atendimentos fora desses horários, combinar por email com o professor: demetrio.toledo@ufabc.edu.br

Aula 18 (2ª-feira, 5 de agosto): Inserção internacional do Brasil: os desafios do sul global

Textos base:

CERVO, A. L., LESSA, A. C. (2014) “O declínio: inserção internacional do Brasil (2011-2014)”, p. 133-151.

FIORI, J. L. (2011) “Brasil e América do Sul: o desafio da inserção internacional soberana”, 1-33.

Textos complementares:

NASSER, R. M., MORAES, R. F. de (2014.). *O Brasil e a segurança no seu entorno estratégico*. Brasília: Ipea, 2014.

Inserção internacional do Brasil: os desafios do sul global

- I. Geopolítica brasileira: da projeção continental à projeção marítima
- II. O Atlântico Sul e Amazônia Azul
- III. A dimensão naval da Estratégia Nacional de Defesa (END 2013)
- IV. PROSUB e SISGAAZ
- V. Desafios futuros: Brasil: uma nova inserção internacional?

Inserção internacional do Brasil: os desafios do sul global

- Processo de formação territorial do Brasil foi, por 500 anos, direcionado à expansão para a hinterlândia sul-americana.
- A expansão continental envolveu o enfrentamento de:
 - Povos indígenas;
 - Império Espanhol nas Américas;
 - Outras potências coloniais como França e Holanda.

Inserção internacional do Brasil: os desafios do sul global

- Expansão territorial do Império Português na América:
 - Tratado de Tordesilhas, 1494;
 - Tratado de Madrid, 1750 – (*uti possidetis*, posse de fato) substitui o Tratado de Tordesilhas;
 - Tratado de Santo Ildefonso, 1777 – resolve as disputas pela Colônia do Sacramento.

I. Geopolítica brasileira: da projeção continental à projeção marítima

Alexandre de Gusmão (1695-1753)



I. Geopolítica brasileira: da projeção continental à projeção marítima



Tratado de Tordesilhas (1494)

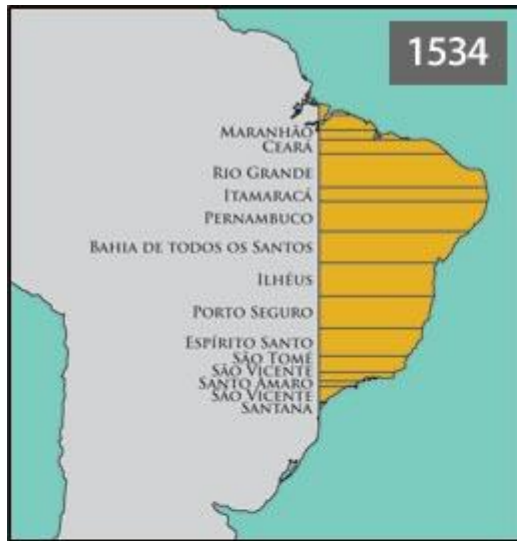
I. Geopolítica brasileira: da projeção continental à projeção marítima



I. Geopolítica brasileira: da projeção continental à projeção marítima

- Expansão territorial do Império Brasileiro (1822-1889) e da República Velha (1889-1930):
 - Tratado de Ayacucho, 1867, Brasil-Bolívia.
 - Tratado de Petrópolis, 1903, Brasil-Bolívia.

I. Geopolítica brasileira: da projeção continental à projeção marítima



I. Geopolítica brasileira: da projeção continental à projeção marítima



I. Geopolítica brasileira: da projeção continental à projeção marítima

**José Maria da Silva Paranhos Júnior (1845-1912),
Barão do Rio Branco**



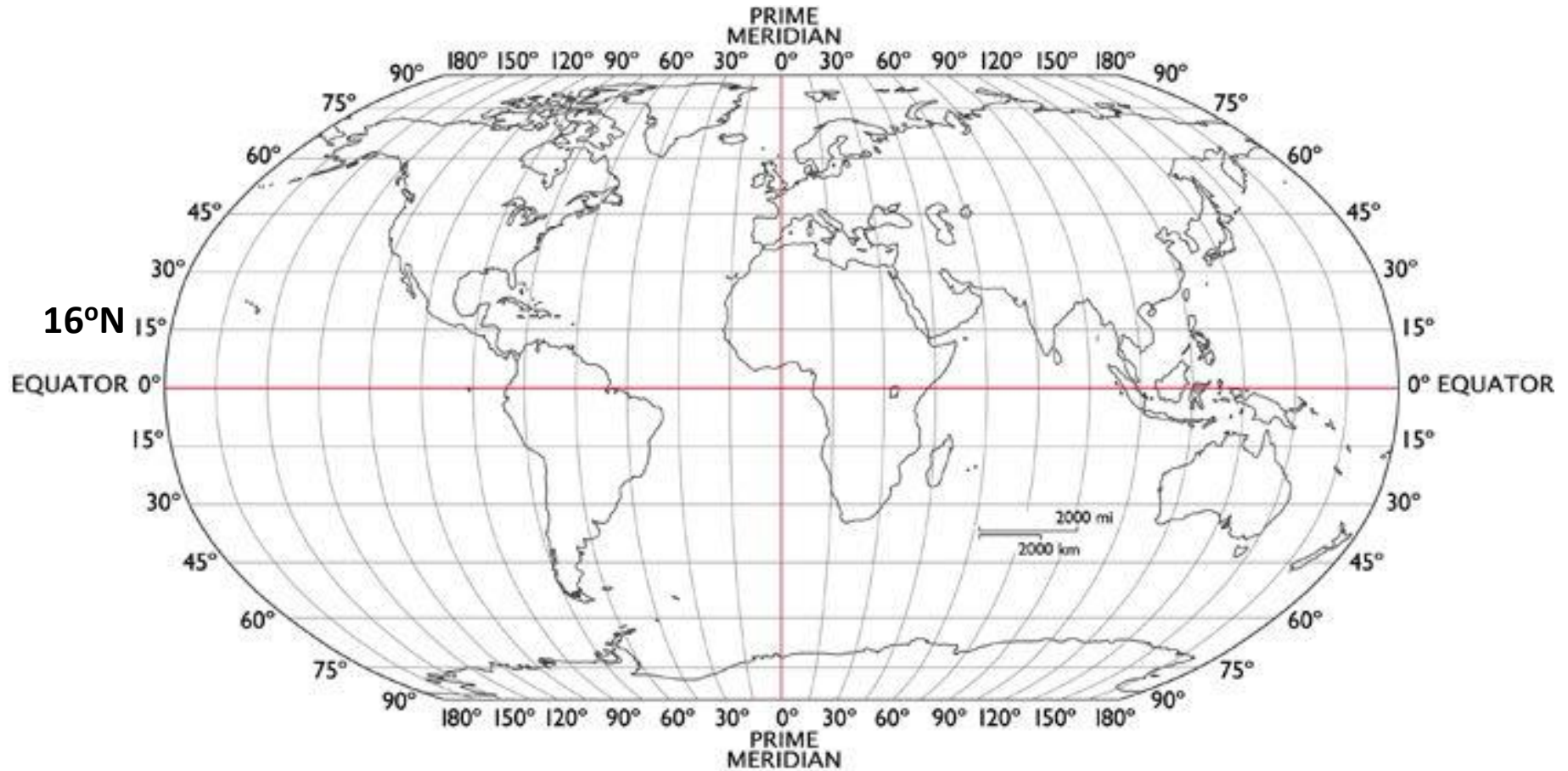
I. Geopolítica brasileira: da projeção continental à projeção marítima

- Integração regional nos séculos XX e XIX:
 - Declaração de Iguazu, 1985;
 - Tratado de Assunção, 1991, Mercosul - Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Venezuela (2003), Bolívia (2015, em processo de ingresso);
 - Tratado Constitutivo da UNASUL, 2008 – Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela, Guiana, Suriname; México e Panamá (membros observadores).

I. Geopolítica brasileira: da projeção continental à projeção marítima



II. O Atlântico Sul e Amazônia Azul



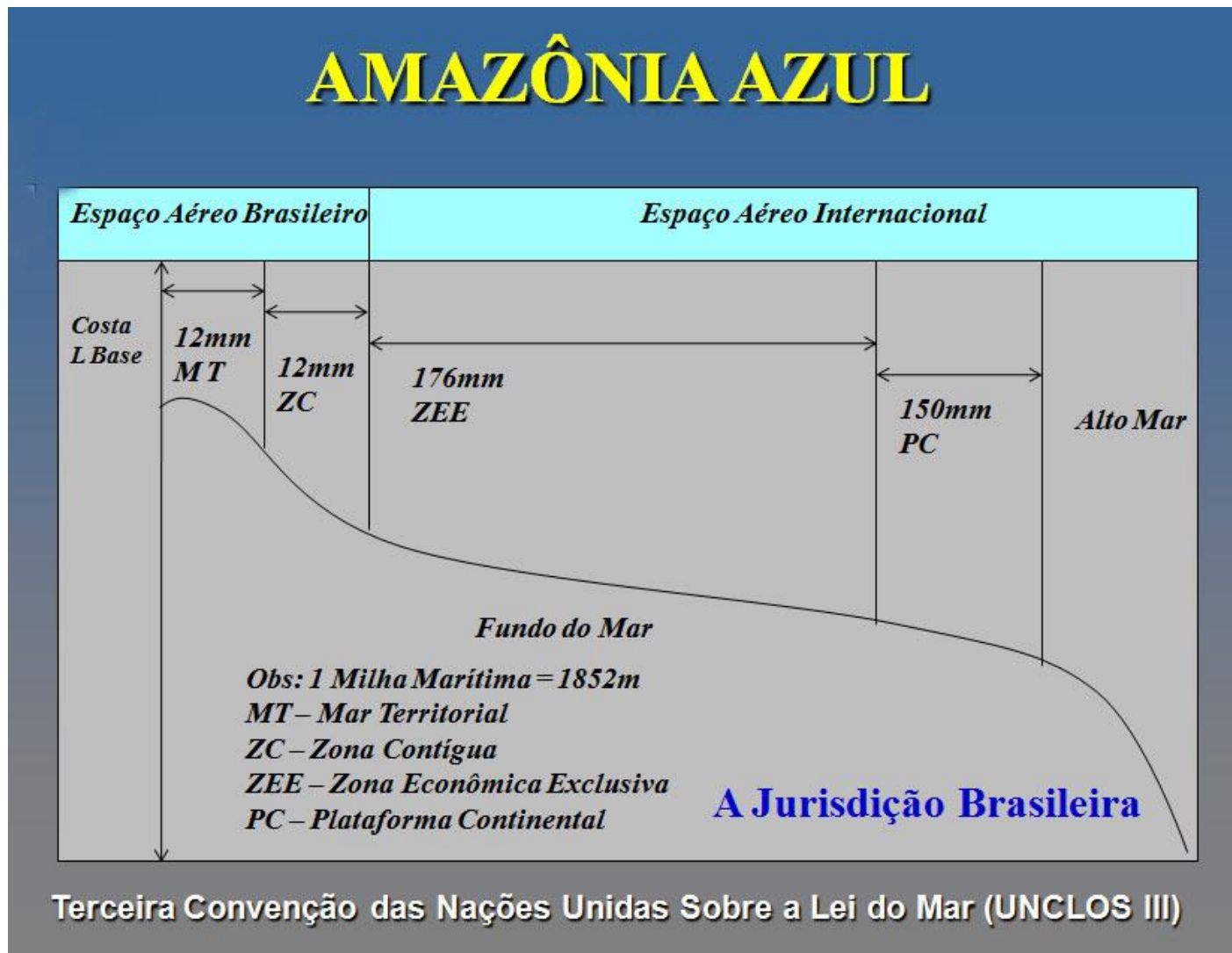
II. O Atlântico Sul e Amazônia Azul

- Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar – Tratado de Montego Bay (1982)
 - Mar Territorial: 12 milhas;
 - Zona Econômica Exclusiva (ZEE): 12 milhas (MT)+200 milhas (ZEE), 3,6 milhões km²;
 - Plataforma Continental: até 350 milhas (4,5 milhões km², 52% da área continental);
 - Extensão da costa brasileira: 7367 km;
- Em 2004, Brasil solicitou à ONU a extensão da ZEE até o limite da plataforma continental.

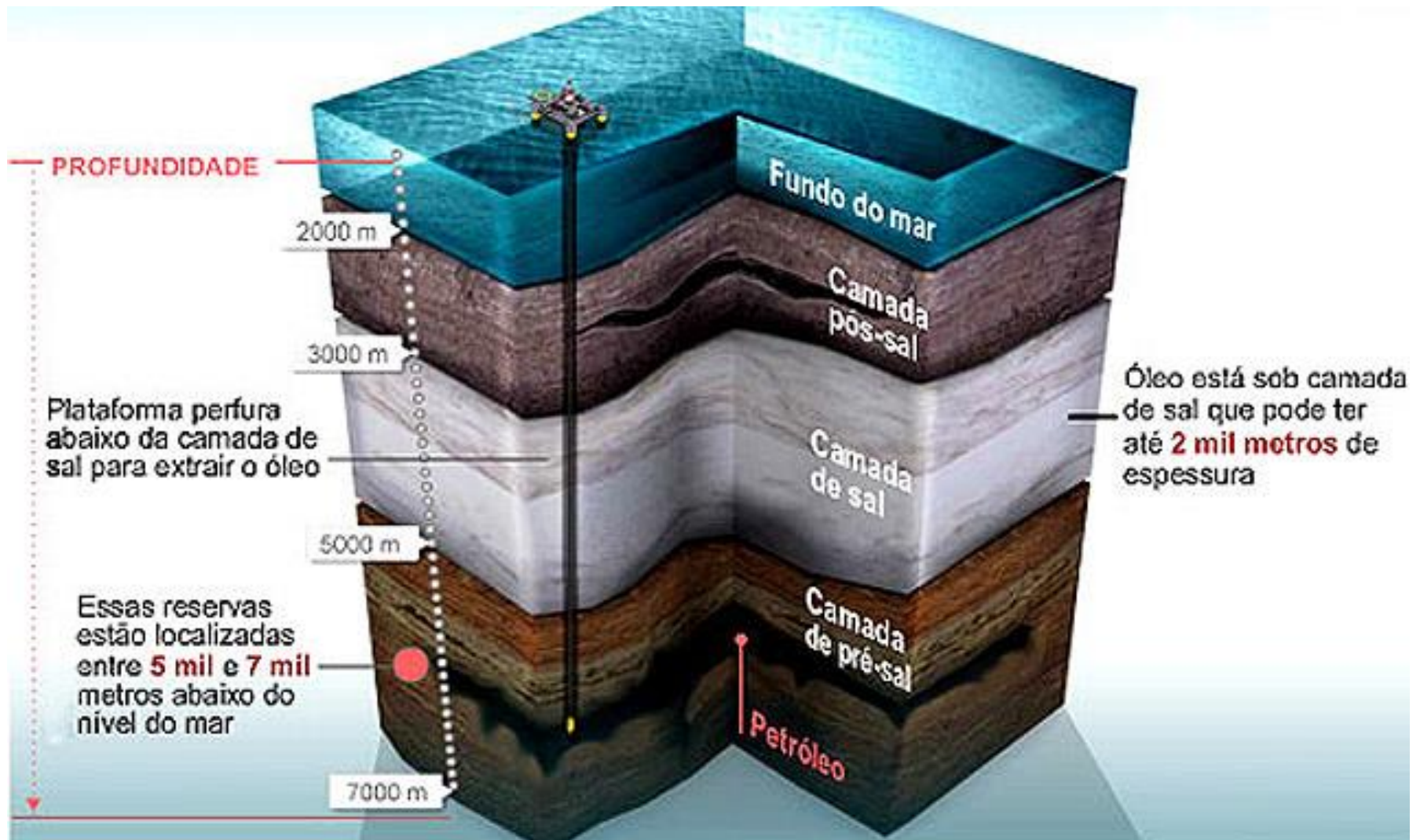
II. O Atlântico Sul e Amazônia Azul



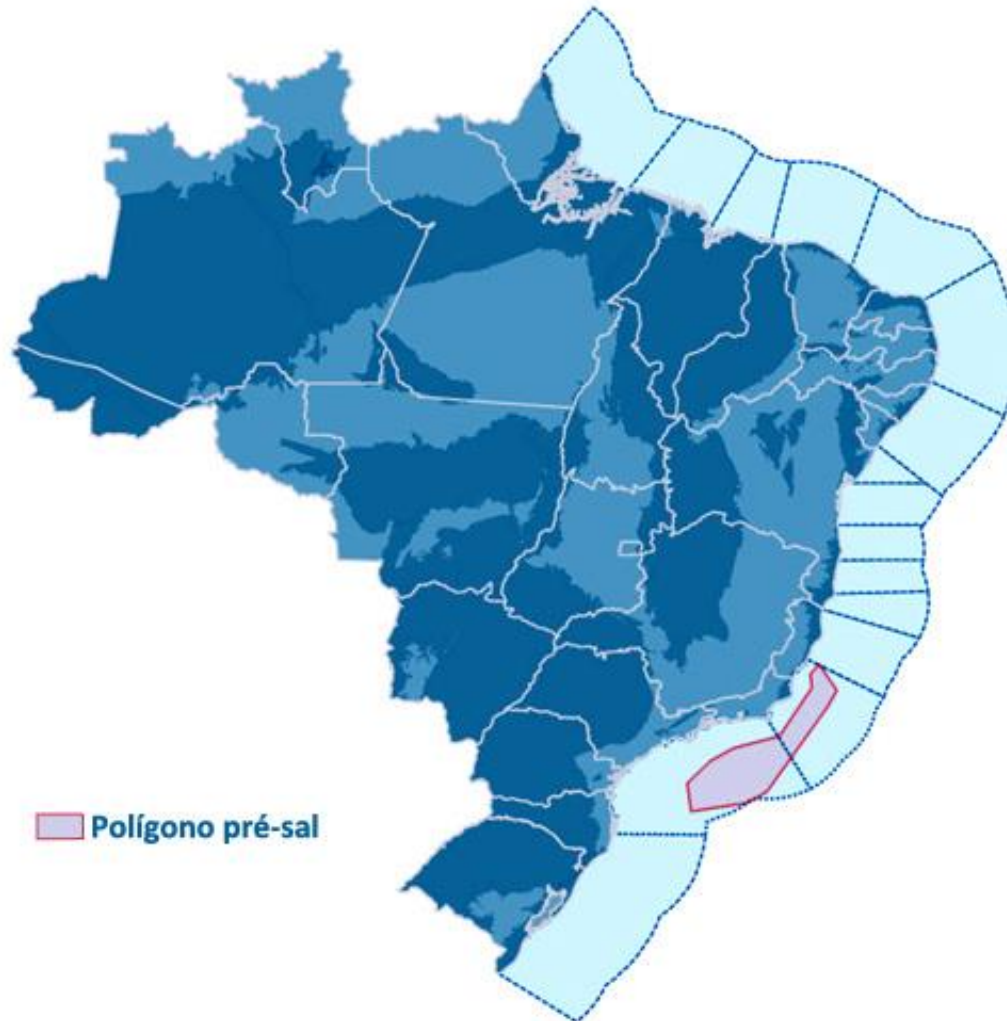
II. O Atlântico Sul e Amazônia Azul



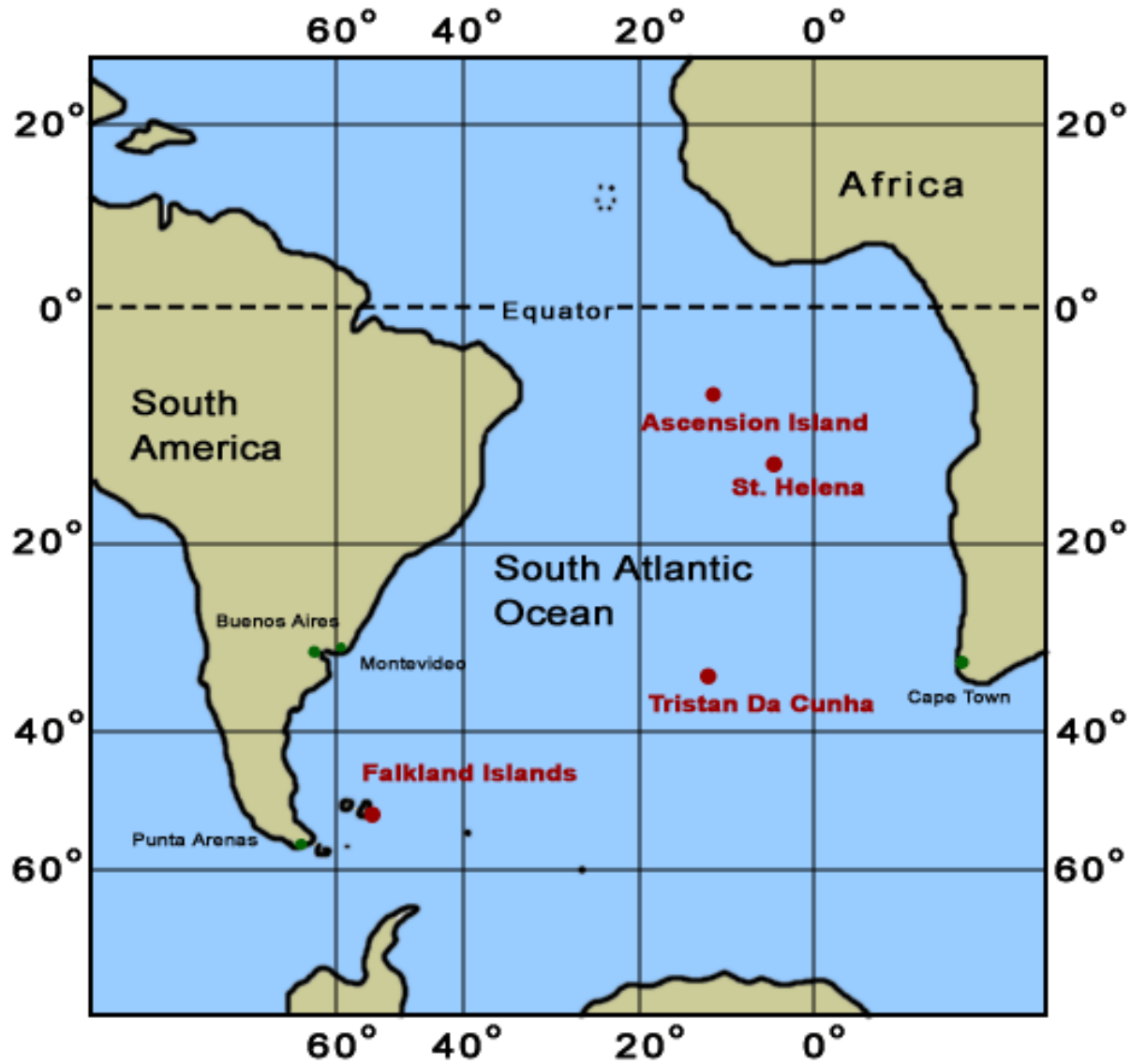
II. O Atlântico Sul e Amazônia Azul



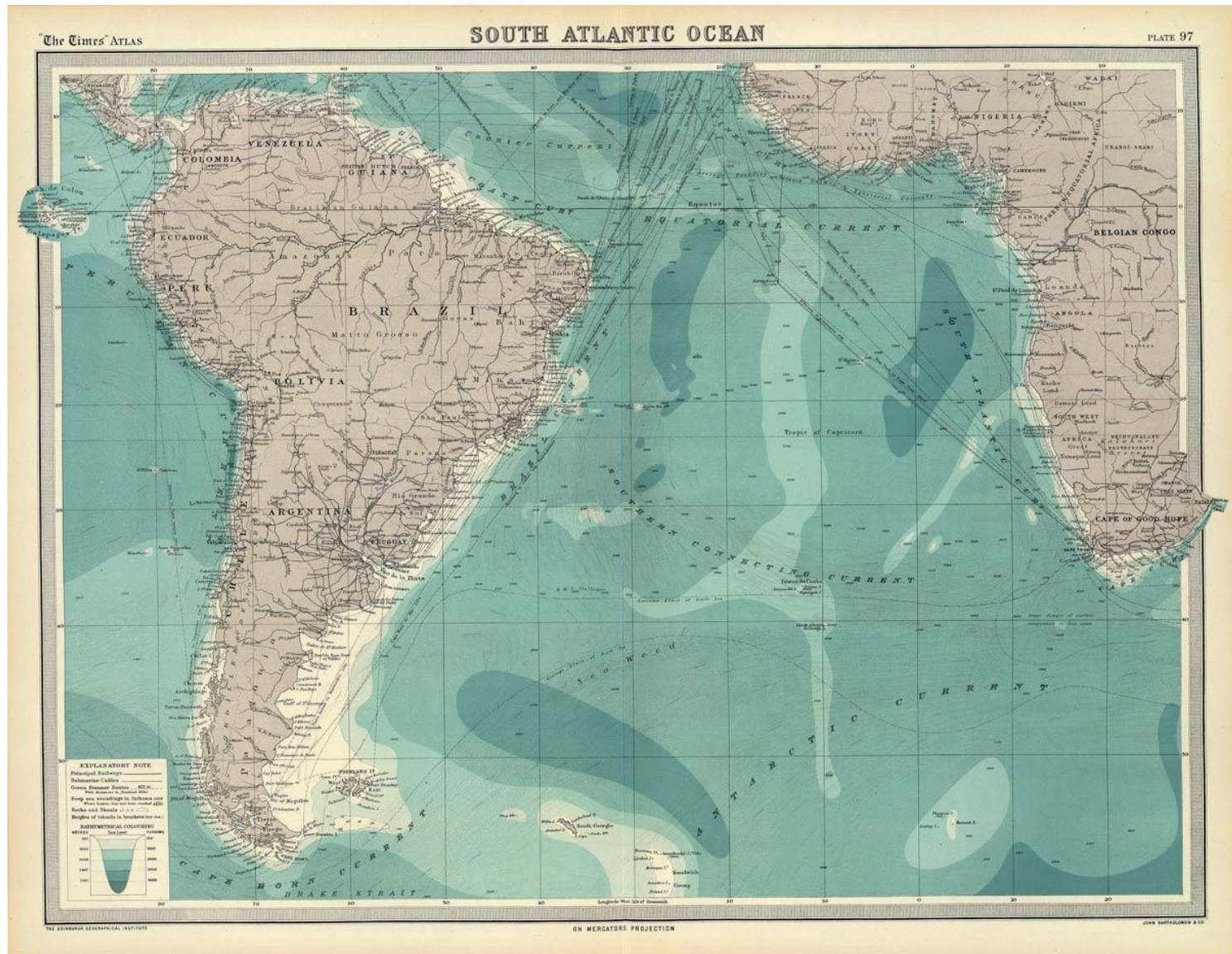
II. O Atlântico Sul e Amazônia Azul



II. O Atlântico Sul e Amazônia Azul



II. O Atlântico Sul e Amazônia Azul



III. A dimensão naval da Estratégia Nacional de Defesa (2013)

- “A prioridade é assegurar os meios para *negar o uso do mar* a qualquer concentração de forças inimigas que se aproxime do Brasil por via marítima. A negação do uso do mar ao inimigo é a que organiza, antes de atendidos quaisquer outros objetivos estratégicos, a estratégia de defesa marítima do Brasil. Essa prioridade tem implicações para a reconfiguração das forças navais.” (Estratégia Nacional de Defesa - END 2008)

III. A dimensão naval da Estratégia Nacional de Defesa (2013)

- “Para assegurar a tarefa de negação do uso do mar, o Brasil contará com força naval submarina de envergadura, composta de submarinos convencionais e de submarinos de propulsão nuclear. O Brasil manterá e desenvolverá sua capacidade de projetar e de fabricar tanto submarinos de propulsão convencional, como de propulsão nuclear.” (END 2008)

III. A dimensão naval da Estratégia Nacional de Defesa (2013)

- “Acelerará os investimentos e as parcerias necessários para executar o projeto do submarino de propulsão nuclear. Armará os submarinos com mísseis e desenvolverá capacitações para projetá-los e fabricá-los. Cuidará de ganhar autonomia nas tecnologias cibernéticas que guiem os submarinos e seus sistemas de armas, e que lhes possibilitem atuar em rede com as outras forças navais, terrestres e aéreas.” (END 2008)

IV. PROSUB e SISGAAZ

- Submarinos na Marinha do Brasil (MB):
 - Operador: 1914-1980
 - Força de Submarinos da MB (ForS): 1914 (3 submarinos classe Foca, Itália);
 - Operador e construtor: 1980 - atualmente
 - Classe Tupi: 1980-1999 (4 submarinos convencionais de projeto alemão);
 - Classe Tikuna: 2005 (1 submarino convencional de projeto alemão).

IV. PROSUB e SISGAAZ

- PROSUB (Programa de Desenvolvimento de Submarinos)
 - Saem os alemães, entram os franceses (Parceria Estratégica Brasil-França - 2005);
 - 4 submarinos convencionais classe Scorpène (propulsão diesel-elétrico);
 - 1 submarino de propulsão nuclear;
 - Construção de estaleiro e base naval para a frota de submarinos.

IV. PROSUB e SISGAAZ

- PROSUB (Programa de Desenvolvimento de Submarinos)
 - Diferenças do emprego estratégico dos submarinos convencional e nuclear:
 - Convencional: Estratégia do Posicionamento:
 - Emprego em Zonas de Patrulha (ZP);
 - Autonomia limitada;
 - *Tonnagekrieg*: emprego contra marinhas mercantes.
 - Nuclear: Estratégia do Movimento e de Contraforça:
 - Emprego em Mar Aberto (MA);
 - Grande autonomia;
 - Contraforça: emprego contra marinhas de guerra.

IV. PROSUB e SISGAAZ

- SISGAAZ (Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul):
 - O SISGAAZ permitirá realizar a integração operacional entre as três forças (Exército, Marinha Aeronáutica):
 - “Organizar as Forças Armadas sob a égide do trinômio monitoramento/controlado, mobilidade e presença.” (END 2013)
 - “Desenvolver as capacidades de monitorar e controlar o espaço aéreo, o território e as águas jurisdicionais brasileiras.” (END 2013)

IV. PROSUB e SISGAAZ

- Além dos fatores militares e estratégicos, o PROSUB permitirá ao Brasil desenvolver a tecnologia nuclear e dominar efetivamente o ciclo completo do combustível nuclear.
- Desenvolvimento industrial e possibilidade de exportação para outros países da América do Sul e da África Ocidental.
- Desenvolvimento de tecnologias duais (civis e militares).

IV. PROSUB e SISGAAZ

- Processo de enriquecimento de urânio:
 - Aumento da proporção de urânio-235;
 - Urânio encontrado na natureza: 0,7% de U-235;
 - Urânio fracamente enriquecido: 0,7-20%;
 - Urânio altamente enriquecido: 20% ou mais;
 - Urânio para uso militar (armas): 80%-90%.
- Brasil detém tecnologia de enriquecimento de urânio, além de grandes reservas do minério.

IV. PROSUB e SISGAAZ

- Submarino nuclear: possibilidade de emprego em teatros de operações muito distantes da costa brasileira.
- Essa capacidade de emprego em teatros de operações distantes pode gerar temores em nossos vizinhos na América do Sul e na África em relação à grande estratégia brasileira: para quê um submarino nuclear?

V. Desafios futuros: Brasil: uma nova inserção internacional?

- Integração regional nos séculos XX e XIX:
 - Atualmente, há indícios de uma reversão profunda das tendências de integração sul-americana;
 - A política externa brasileira abandonou a tradição de autonomismo e passou ao alinhamento automático

V. Desafios futuros: Brasil: uma nova inserção internacional?

- Trajetória do desenvolvimento brasileiro:
 - Séculos: XVI-XIX: economia agrário-exportadora
 - Século XX: industrialização
 - Século XXI: desindustrialização e reprimarização

V. Desafios futuros: Brasil: uma nova inserção internacional?

- Contexto global:
 - Transição hegemônica (?)
 - Deslocamento do centro dinâmico do capitalismo do Atlântico para o Pacífico (?)
 - Ascensão da China (e da Índia)? (a)
 - Declínio dos EUA (?) (b)
 - (a) + (b) = Armadilha de Tucídides (?) (Graham Allison)

V. Desafios futuros

- Regionais:
 - Mercosul e ~~UNASUL~~;
 - Ascensão da África.
- Globais:
 - BRICS e IBAS;
 - ~~Tratado Trans-Pacífico~~;
 - Descoberta de outras províncias petrolíferas em formações geológicas de pré-sal;
 - IV Frota dos EUA;
 - Incorporação do Brasil à OTAN (?).